

JUVENTUDES PERIFERICAS TECENDO O PARADOXO DE UMA ARTE QUE “NÃO SERVE PARA NADA”

Autor: Silvana Mendes Lima – professora/orientadora da Universidade Federal
Fluminense – Niterói/RJ.

Co-autores:: Suanny Nogueira de Queiroz; Ana Carolina Videira Sant’Anna;
alunas/pesquisadoras da Universidade Federal Fluminense - Niterói/RJ.

A partir do desenvolvimento do que intitulamos de Pesquisa-Intervenção analisamos um conjunto de ações educativas voltadas a jovens pertencentes às zonas periféricas da cidade de Niterói/RJ, tendo como campo de inspiração os trabalhos desenvolvidos por uma Organização Não-Governamental, o Espaço Cultural da Grota, que traz como matéria prima de trabalho a arte musical. Uma arte que é traduzida naquele espaço também a partir da perspectiva de que “Arte não Serve para nada”. Considerando esse sentido de inutilidade próprio ao local acompanhamos e avaliamos, coletivamente, sobre o que ele porta em termos de embates frente aos modos de vida vigentes concernentes a uma juventude periférica. Embates que oscilam e materializam pólos, não excludentes, da Arte enquanto produto para o mercado e da Arte como processo de transformação dos modos de vida. Pólos que operam, igualmente, uma inversão: de uma periferia lançada em guetos de exclusão para uma periferia formada por redes em que a falta ou a carência é convertida em excesso. Excesso a partir do qual o sentido de periférico ganha nova expressão. Uma expressão de um devir periférico na sua potência minoritária. Devir aqui remete a, como aponta Guattari, tudo que é de ordem processual, daquilo que escapa aos sistemas de integração dominantes – um novo tipo de sensibilidade, de raciocínio, de ver e sentir o mundo – e que viabiliza outros meios de semiotização possíveis. Um devir minoritário que atenta para os níveis microssociais, microinstitucionais, familiares, afetivos e existenciais a partir dos quais se conecta ou coexiste com as práticas sociais mais amplas em todos os níveis (do urbanismo, da cidade, da vida cotidiana, do trabalho). No caso do nosso campo de estudo, vimos o quanto desempenhar e desenvolver atividades marcadas pela interferência da arte e da cultura comporta de trabalho imaterial, já que neste campo, não se trata apenas de executar tarefas, mas, sobretudo, concebê-las, criá-las. As matérias criadas produzem,

por conseguinte, coisas imateriais: sons, ritmos, performances, imagens, serviços, incidindo sobre algo imaterial: a subjetividade humana. Ao ampliarmos essa análise, assinalamos que a condição de trabalho imaterial, assim como o seu conteúdo e resultado, consiste, eminentemente, na própria produção de subjetividade que atravessa tanto o processo de trabalho como o seu produto. Nisso conclui-se que o trabalho necessita da vida como nunca, e seu produto afeta a vida numa escala sem precedentes. A partir dessa composição entre vida, trabalho e arte encontramos, entre os jovens, uma multiplicidade de vínculos, variações e peculiaridades estabelecidas por jovens num trabalho que sofre a intercessão da arte: espaço de convivência, de profissionalização, de socialização, do exercício do lúdico e da expansão de habilidades artísticas.

Palavras-chave; juventudes periféricas; trabalho; arte.